



# Sem chance para a febre maculosa



MÁRCIA CRISTINA DE AZEVEDO PRATA E JOHN FURLONG

Pesquisadores do Centro Nacional do Gado de Leite, da Embrapa.

**T**odos os anos, quando chega o período frio, os pastos ficam lotados de carrapatos minúsculos, os micuins, que infestam todos os animais que encontram pela frente, inclusive o homem, provocando irritação e coceira, havendo possibilidade de transmissão de agentes de doenças. Na tentativa de solucionar o problema, uma série de banhos carrapaticidas, de 21 em 21 dias, é em geral efetuada, mas de nada adianta. E por que será? Vários fatores podem contribuir para esse insucesso.

O principal deles consiste no fato de que, nesse caso, o parasita a ser combatido é o carrapato-estrela *Amblyomma cajennense*, que requer ações diferentes daquelas empregadas no controle do carrapato-dos-bovinos.

Mas, se são todos carrapatos, o emprego do carrapaticida não deveria ser suficiente para derrotá-los? Na verdade, não é bem assim. As diferentes espécies de carrapatos têm ciclos de vida distintos e, portanto, as determinações de droga, dose e intervalos entre aplicações são feitas com base nas características particulares de cada uma. A situação é complicada, mas a solução talvez não seja das mais difíceis.

#### COMO CONTROLAR

Na estratégia de controle, a primeira medida é identificar as épocas de predominância dos “filhotes” do carrapato-estrela. Esses estádios são menos tolerantes à exposição aos raios solares e, portanto, estão presentes nos meses mais frios do ano. As larvas ou micuins aparecem no outono, e as ninfas ou vermelhinhas ou carrapatos-pól-

vora predominam no inverno. Já foi comprovado que essas fases são mais sensíveis aos carrapaticidas, em comparação com os adultos. Portanto, tratamentos carrapaticidas deve ser implementados nesses períodos, a intervalos semanais, já que nessas fases o parasitismo dura em torno de cinco dias.

Devem ser banhados os animais que frequentam os pastos infestados. É importante que seja utilizado carrapaticida direcionado ao combate de *Amblyomma cajennense* e com indicação para uso na espécie animal que será tratada. A orientação de um médico-veterinário é imprescindível, uma vez que são poucos os carrapaticidas disponíveis adequados para o caso, enquanto há produtos proibidos e inúmeros outros não recomendados para uso em eqüinos. Devem ser seguidas as recomendações da bula com relação a dose (geralmente maior do que a empregada no combate ao carrapato-dos-bovinos) e procedimentos para uma aplicação correta, como cuidados com contenção do animal, homogeneização da solução e aplicação da quantidade correta (quatro a cinco litros de solução para um animal adulto), no sentido contrário ao dos pêlos, em todo o corpo do animal, incluídos orelhas e narinas.

O banho deve ser realizado nas horas mais frescas do dia, sempre à sombra. O animal tratado não deve ser submetido a esforço imediatamente antes e nem logo após o tratamento. Uma vez que 95% dos carrapatos encontram-se na pastagem, os animais banhados devem retornar ao pasto infestado para que funcionem como “as-



**Nem todos os carrapaticidas são adequados a todas as espécies de carrapatos. O combate à espécie que transmite a febre maculosa requer estratégia própria de controle.**

piradores” dos micuins e vermelhinhos que lá estão, à espera do hospedeiro. Os carrapatos adquiridos pelo animal que conseguirem sobreviver serão eliminados no próximo banho. Os tratamentos devem persistir enquanto as pastagens forem consideradas contaminadas.

Dessa forma, nos meses quentes do ano, época de predominância dos adultos, já será percebida uma acentuada redução nas infestações. Normalmente, é nesse período que, ao visualizar os carrapatos grandes sobre os animais, os produtores resolvem intervir. No entanto, os tratamentos geralmente não surtem resultados, uma vez que os adultos, por terem uma cutícula espessa, exigem doses mais elevadas para o combate. Como nesse período as éguas estão em adiantado estágio de gestação, os tratamentos poderiam representar alto risco de aborto ou intoxicação. Portanto, nessa fase os banhos carrapaticidas devem ser substituídos pela catação manual ou pelo rasqueamento dos animais, estourando-se ou queimando-se os carrapatos retirados. Para cada fêmea eliminada correspondem de 5 mil a 8 mil micuins a menos na próxima geração. Uma limpeza considerável.

Com um controle bem feito, a cada ano a quantidade de carrapatos a combater será menor. Desse modo, reduz-se gradativamente o número de tratamentos necessários para controlá-los, podendo-se chegar ao ponto de manter a população sob controle apenas com banhos na fase de micuins. Além de representar considerável redução de mão-de-obra e gastos na aquisição de produtos, reduzem-se ainda os riscos de abortos e intoxicações nos animais e de infecções em animais e humanos (por agentes transmitidos pelos carrapatos), além de se retardar o processo de seleção e proliferação de populações de carrapatos resistentes aos poucos produtos disponíveis.

#### MEDIDAS ADICIONAIS

O processo de controle será ainda mais eficiente se forem adotadas algumas medidas adicionais como as relatadas a seguir.

- Separar pastos de bovinos e eqüinos. Uma vez que o carrapato a ser controlado é pouco seletivo quanto à escolha de hospedeiros, quanto menos espécies animais estiverem disponíveis, maior será o sucesso no controle.

- Passar vassoura-de-fogo ou lança-chamas nas instalações (baias, currais e canis) semanalmente. Cerca de 95% dos carrapatos encontram-se no ambiente. Portanto, essa medida proporcionará reduções significativas na quantidade de carrapatos a serem eliminados.

- Manter os cães e outros animais domésticos

protegidos com carrapaticida adequado. Essa ação é muito importante, devido ao fato de que esses animais, quando não-tratados, podem adquirir os carrapatos e transportá-los para o interior da residência ou áreas próximas. Devidamente tratados, ao invés de fontes de proliferação, passarão a atuar como escudos, reduzindo-se as infestações.

- Áreas verdes que não sejam utilizadas para pastagens devem ser cortadas rente ao solo, para que os raios de sol penetrem e matem boa parte dos carrapatos que estão no ambiente. O material retirado deve ser queimado. O sol forte é inimigo dos carrapatos. Quanto menos esconderijos houver na propriedade, menos carrapatos sobreviverão.

- Tratar os animais recém-adquiridos e mantê-los isolados por 30 dias antes de sua incorporação ao rebanho. Mesmo que sejam originários de propriedades próximas e estejam parasitados por carrapatos da mesma espécie, animais de fora trazem populações de carrapatos que podem não ser susceptíveis aos produtos em uso. Portanto, o ideal é que esses animais sejam tratados na propriedade de origem, para que lá deixem boa parte dos carrapatos. Os que ainda persistirem serão eliminados com tratamentos durante o período de isolamento.

**Os tratamentos devem persistir enquanto as pastagens forem consideradas contaminadas.**







## Medidas para minimizar as infestações

A seguir, algumas recomendações que poderão minimizar as infestações.

- Em visitas ao campo, deve-se caminhar sempre pela trilha, que é o local que tem menos carrapatos, porque a mata é um bom esconderijo para esses parasitas.

- **Utilizar trajas adequados:** calças compridas, de preferência de cor clara, por dentro de botas de borracha, que devem ter sua extremidade superior vedada com esparadrapo.

- Examinar o corpo durante o trabalho de campo, principalmente os membros inferiores. Uma calça clara que fica com manchas escuras repentinamente significa que foi invadida por milhares de micuins ou vermelhinhas. Uma boa dica é ter sempre um bom pedaço de fita adesiva ou esparadrapo colado à calça, ao alcance da mão, para capturar os invasores quando pressionados sobre estes.

- **Ao retornar do campo, duas ações são importantes:** retirar e ferver as roupas e promover imediatamente a catação no próprio corpo, manualmente ou com auxílio de fita adesiva. Quanto mais cedo o processo for efetuado, menores serão os riscos de infecções. Isso se deve ao fato de que o carrapato tem que estar fixado por no mínimo seis horas, para que a bactéria se transfira do organismo do carrapato para o sangue humano. Desse modo, nunca se deve deixar o carrapato fixado por mais de quatro horas, efetuando-se a catação o mais rapidamente possível. Os carrapatos retirados devem ser eliminados em água quente ou diretamente no lixo.

Nunca se deve esmagar o carrapato entre as unhas, pois dessa forma a bactéria é liberada e, em contato com algum ferimento na mão ou com as mucosas do olho, nariz ou boca, pode penetrar na corrente sanguínea, promovendo a infecção.

Mesmo com todas essas medidas, é possível que um ou outro carrapato escape ao controle. Portanto, se alguém teve contato com carrapato e dias depois apresentar sintomas semelhantes aos de uma gripe forte, deve procurar um médico imediatamente e informá-lo.

**Lembrando:** a doença é facilmente tratada se diagnosticada no início, e a informação é fundamental para a determinação do diagnóstico correto.

- Como qualquer animal pode servir como hospedeiro, principalmente para os micuins e vermelhinhas, devem ser mantidos afastados os animais silvestres, como capivaras e gambás. Uma boa maneira de fazê-lo é manter íntegro o habitat desses animais que, enquanto encontrarem alimento suficiente, não terão interesse em frequentar o ambiente doméstico. Se isso já ocorrer, a utilização de cercas poderá minimizar o problema.

## DOENÇAS EM HUMANOS

Os seres humanos também podem servir como hospedeiros do carrapato-estrela, principalmente nas fases de micuim ou vermelhinha. E, assim como o mosquito da dengue – que uma vez contaminado pode transmitir o vírus da dengue no momento da picada –, o carrapato também é capaz de veicular agentes de doenças para os seres humanos. A mais conhecida e perigosa é a febre maculosa, que pode ser fatal. Mas é importante salientar que essa enfermidade é facilmente tratada se diagnosticada no início. Portanto, o diagnóstico correto é a chave para o sucesso no tratamento. E a informação sobre o contato com carrapatos é a peça principal para a determinação do diagnóstico.

Entre 2 e 14 dias após o contato com carrapatos, a pessoa que contrai a febre maculosa apresenta febre alta, dor de cabeça, dores pelo corpo, desânimo, falta de apetite, calafrios, enjôo, podendo apresentar ainda manchas que começam nas extremidades (palmas das mãos, solas dos pés), mas que, com o decorrer do tempo, podem se espalhar por outras regiões do corpo. Das características mencionadas, a única que pode levar o médico a suspeitar de febre maculosa são as manchas. No entanto, nem sempre estas estão presentes. Portanto, é imprescindível que, após contato recente com carrapatos, apresentando quaisquer dos sinais descritos, a pessoa procure um médico imediatamente e o informe sobre tal contato. Dessa forma, será possível a prescrição do tratamento adequado, com grandes possibilidades de cura.

A boa notícia é que nem todos os carrapatos estrela são infectados pela bactéria da febre maculosa. Na verdade, é uma minoria. A notícia ruim é que, olhando para os carrapatos, não se pode identificar se estes estão infectados ou não. Por isso, é bom tomar cuidados redobrados em áreas habitadas por capivaras, antas ou gambás, pois nessas regiões é mais provável que os carrapatos estejam infectados pela bactéria. É importante que se tome o máximo de cuidado em evitar infestações, conforme ações que serão descritas a seguir, e se promova a circulação da informação. Quanto mais pessoas souberem que existem doenças relacionadas à infestação por carrapatos, menos seres humanos morrerão em decorrência destas. ■



# MUNDO do LEITE

**DBO**  
EDITORES

Jun/Jul 2009  
Ano 7 • Nº 37 • R\$ 7,00

*A Revista do Mercado Lácteo*

[www.mundodoleite.com.br](http://www.mundodoleite.com.br)

Quanto as doenças  
pesam no bolso

Integração incremental  
o negócio do leite

Bê-á-bá do combate  
ao carrapato

Calu investe na  
profissionalização

**Em dois anos,  
produção três  
vezes maior.**



Programa *Balde Cheio* leva Roberto Oliveira, de  
Uberlândia (MG), a dar um grande salto na produtividade.